

# LITERATURA NEGRA E A ACADEMIA: QUANDO O SUJEITO NEGRO GANHA VOZ E CORPO

## BLACK LITERATURE AND THE ACADEMY: WHEN THE SUBJECT BLACK WINS VOICE AND BODY

Humberto Manoel de SANTANA JR  
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca  
CEFET-RJ/Relações Étnico-raciais  
humbertoel@gmail.com

**Resumo:** Este artigo analisa a importância da Literatura Negra para a construção de novas formas de representação do negro e como estas novas formas de representação, juntamente com a inserção dos negros na academia, podem contribuir para que o saber acadêmico deixe de ser eurocêntrico, elitista, e passe a ser mais inclusivo e caminhe para o saber plural. Para esta análise será utilizada a poesia de dois autores negros: Nina Silva e Wesley Correia. A partir da poesia destes autores serão apresentados novos elementos, novas linguagens, novos significantes e significados que podem nos fazer refletir sobre a importância da Literatura Negra em relação a inserção do negro e o estudo real da diversidade cultural, onde o negro estará na condição de sujeito.

**Palavras-chaves:** Literatura Negra, Academia, sujeitos, Nina Silva, Wesley Correia.

**Abstract:** This article looks at the importance of the Black Literature for the construction of new forms of black representation and how these new forms of representation , with the inclusion of blacks in the gym, can contribute to the academic knowledge no longer Eurocentric , elitist, and pass to be more inclusive and walk to the plural knowledge . For this analysis will be used poetry of two black authors: Nina Silva and Wesley Correia. From the poetry of these authors will be presented new elements , new languages, new significant and meanings that can make us reflect on the importance of the Black Literature regarding the insertion of the black and the actual study of cultural diversity , where the black will be provided subject.

**Key Words:** Black Literature , Academy, subject , Nina Silva, Wesley Correia.

A Literatura Brasileira, ao longo dos anos, se apresentou carregada de estereótipos de teor racista em relação a uma população negra que se faz maioria dentro do Brasil. Sabemos que a arte, logo a literatura é reflexo do seu tempo, pois “O Brasil se reconhece branco, mestiço e precisa se reconhecer negro” (MANOEL, 2014, p. 55). Não queremos aqui sobrepor o negro em relação aos não negros, mas sim, reivindicar um lugar de destaque para a maior parte da população que pouco se encontra representada na Literatura Brasileira. Existe toda uma literatura com uma construção de textos e imagens criadas por brancos e para brancos, onde o negro e o índio são os selvagens e os vilões. O fato é que os negros consomem estas mercadorias e irão se

identificar com o herói, assumindo a cultura branca e negando a sua<sup>1</sup>. É para combater este espaço branco, elitista, eurocêntrico que surge a Literatura Negra. Sabemos que

Não faltam, pois, críticos, estudiosos e escritores que rejeitam a expressão LN por considerarem, dentre outros motivos, incipiente e inadequada para a arte literária, que se pretende única e universal, como demonstração da linguagem, permitindo no máximo, a nacionalidade e as circunstâncias geográficas (SANTIAGO, 2012, p. 131).

A Literatura Negra surge para contestar este lugar único, deste saber hegemônico que se considera universal. Sabendo da importância do campo simbólico para a contestação do que se achava universal, que os sujeitos apresentam a sua escrita como principal arma para a construção de novas identidades forjadas em meio as diferenças, pois “Os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes por meio da luta e da contestação política” (WOODWARD, 2014, p. 39). É através da postura política dos sujeitos que se associam com essa nova forma de representação, diferente do universal, que as novas identidades são construídas. Estas identidades não são fixas, são contestadas e construídas através do processo de identificação,

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pela forma através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros* (HALL, 2014, p. 24-5).

A partir da identificação são construídas novas identidades que são negociadas em meio as diferenças. Essas novas identidades criam novas representações que causam incômodo ao saber hegemônico e universal. Esse incômodo causado pela Literatura Negra deixa algumas perguntas em aberto: enquanto as imagens dos negros e negras se representavam de forma preconceituosa e estereotipada não incomodava? Será que o saber hegemônico tem cor?

Seguindo o caminho da provocação causada pela Literatura Negra e sua importância para a autoestima da população negra, a possível contribuição da entrada de negros na academia, e fazendo uma contextualização com o campo dos Estudos Culturais, apresentamos a poesia negra como arma no combate ao saber acadêmico universal tendo a cultura como campo central para as discussões. A partir das novas

---

<sup>1</sup> Ver FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador. EDUFBA, 2008.

formas de representação apresentadas pela Literatura Negra, onde o negro deixa de ser objeto para ser sujeito de sua própria representação, e assim da sua própria história, pois

A LN, no entanto não se caracteriza apenas pelos discursos sobre as dimensões específicas da condição do negro e pelas singularidades culturais, mas acima de tudo, pelo sujeito da enunciação: há explicitamente entre escritoras e escritores negros, que se declaram inseridos na LN, um empenho por inventar representações em que se revertam as que aparecem marcadas por exotismo e inferioridades (SANTIAGO, 2012, p. 134).

Pensemos então, a Literatura Negra como esta vertente que contribuirá para uma nova linguagem, garantindo um lugar de fala a partir do ser negro, e se apropriando do espaço educacional, que por muitos anos foi negada a esta população. E é a partir da escrita desta vertente da Literatura que vamos analisar a inserção do negro no imaginário, e como este campo simbólico contribui para a construção de identidades e demarcação de uma nova representação, pois “falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33). Para este caminho em direção a uma nova representação do ser negro, de sua cultura e de seu corpo, utilizamos dois poetas que darão voz, corpo, ritmo e apresentarão o ser negro a partir de sua representação. Para a análise das representações através da voz da mulher negra, utilizamos a poesia de Nina Silva, algumas presentes no livro: “InCorPorus”, que divide autoria com Akins Kintê, e algumas poesias publicadas em diversos veículos. Assim como exploramos a obra literária: “Deus é negro”, de Wesley Correia como ferramenta para analisar a importância desta escrita. Através desses autores pensaremos o empoderamento desta população negra ao se reconhecer na Literatura que antes era só expectador. É sabido que

Há na LN um eu/nós que se expressa, (auto)representado por meio de simbologias e repertórios que insinuam deslocamentos de posição de negação e exclusão para vivências de promoção de empoderamentos (SANTIAGO, 2012, p. 134).

Para falar de identidades e Literatura Negra não podemos deixar de citar a contribuição de Zilá Bernd em “Literatura e identidade nacional”, principalmente no capítulo “Identidade: origem, emprego e armadilhas do conceito”. A autora faz um levantamento em relação ao conceito de identidade e sua relação com a Literatura, e traz questões interessantes, mas cai nas armadilhas de alguns conceitos denunciando o seu lugar de fala, como os trechos em que usa os termos “comportamento tribal” e “tribo” ambos com o sentido de inferior e “primitivo”, que ao invés de pensar o primitivo como primeiro, também, se apresenta no sentido de inferioridade. Para entender o quanto

estamos carregados destas representações, até quando temos a boa vontade de discutir a questão racial.

### **Nina Silva e Wesley Correia: da resistência negra a re-existência da imagem do negro**

Dentro das lutas que são travadas no campo do conhecimento e do imaginário, temos que dar grande importância ao simbólico, ao poder das representações. Como imaginar Obama chegar à presidência dos Estados Unidos sem a grande quantidade de filmes estadunidenses com presidentes negros? E para entender o poder de fazer revolução que a Literatura possui, basta um levantamento histórico dos movimentos de Negritude nas Américas e a importância destes textos em processos de independência. Temos como exemplos, a Martinica com Aimé Césaire, Gontran Damas e Léopold Sédar Senghor, este que se tornaria presidente da República do Senegal, após a independência; assim como, a força da poesia negra em Porto Rico, Cuba e República Dominicana; até a sua chegada no Brasil por meio do movimento negro, dando origem a Literatura Negra no Brasil<sup>2</sup>.

No Brasil, temos o ano de 1978 como marco na luta pela igualdade racial com a criação do MNU (Movimento Negro Unificado), onde sobre influência dos movimentos de Negritude, usa o campo da Literatura como principal arma, já que

No que diz respeito à luta pela visibilidade e valorização da literatura negra brasileira, neste mesmo ano, é criada a série *Cadernos Negros*, que irá alternar a publicação de antologias de poesia com antologia de prosa de ficção de autores afro-brasileiros. A partir de 1982, o grupo Quilombhoje assume a elaboração da série e, desde então, imenso e significativo trabalho vem sendo realizado, com dezenas de afrodescendentes publicados, mediante prévio processo de seleção especializada (FIGUEIREDO, 2005, p 334).

Pensando a importância dessa vertente da Literatura para esses movimentos, seguiremos em direção à entrada da Literatura Negra, enquanto uma nova forma de representação, no campo acadêmico, tido como universal e suas repercussões. Se a Literatura foi capaz de revolução no âmbito da cultura nacional de alguns países, tem muito a contribuir com a academia, assim como a entrada do negro que começa a ocupar com mais frequência este espaço de conhecimento.

---

<sup>2</sup> Para melhor compreensão deste levantamento histórico ver: FIGUEIREDO, Euridice [et ali]. **“Negritude, Negrismo e Literaturas de Afro-descendente”**. In: FIGUEIREDO, Euridice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora/Niterói: Ed. UFJF/EdUFF, 2005.

Para discutir e apresentar a importância deste lugar de fala, do negro enquanto sujeito criador desta nova forma de representação trago dois poetas negros, Wesley Correia e Nina Silva. Com isso, mostramos o quanto a poesia negra se apresenta com ritmos diferenciados, acompanhados por uma dança entre o que está imposto e a melodia que está se fazendo ouvir.

### **Nina Silva: a mulher negra e sua re-existência.**

A partir da poesia de Nina Silva, destacamos a forma como a mulher negra é apresentada e representada, para com isso, analisar este corpo negro com voz e apresentando os seus desejos no campo da Literatura. Vale ressaltar, que a mulher negra sempre foi representada de forma estereotipada, na maioria das vezes como objetos sexuais e não tinha o direito à voz. Não vou aqui enumerar as representações negativas que já conhecemos na Literatura Brasileira, pois escolhemos o caminho de apresentar as novas representações, já que o objetivo é a discussão em relação à importância da mulher negra enquanto sujeito. É sabido que

Em ficções e poéticas canônicas, perfis femininos aparecem atrelados às representações estáticas, naturalizadas e com circunscrições pautadas em um suposto passado de subserviências e de imobilismo social, cultural e político (SANTIAGO, 2012, p. 99).

A poeta Nina Silva se livra destas representações imposta por muito tempo pela Literatura, e através da sua resistência podemos pensar a re-existência da mulher negra através da Literatura Negra. Começo com a leitura da poesia “Elas em mim”:

Minhas ancestrais são do tabuleiro, do tambor e da esteira.  
Adornos e signos, sou aprendiz.  
São berço, braços e mamas, infindas e incansáveis.  
Um saber em dor, sabedoria, Sankofa feroz que além de cabeças trazem ombros que sustentam e traduzem histórias.  
Lindas, lindas, lindas.  
Perfeição que nenhuma pintura consegue reproduzir, são linhas de tecidos, de corpos e de cicatrizes que me representam.  
Candaces, Mães, Baianas, unidade em mim, as reconheço e reverencio num simples olhar no espelho.  
No chorar, no sorrir, no respirar.  
O Sagrado em carne, sou eu MULHER PRETA divindade (SILVA, 2010).

A escrita de Nina é marcada pelo lugar de fala, enquanto mulher negra e que sabe que traz consigo a história de várias mulheres, que assim como ela resistiram diante de uma sociedade racista, machista e sexista. Ela traz um ritmo envolvente em

sua poesia junto ao uso de palavras que são carregadas de significados para a mulher negra. Sabemos, também, que

Nesse contexto, a literatura afrofeminina é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras (SANTIAGO, 2012, p. 155).

Nina traz em seus versos a simplicidade do cotidiano, a grandiosidade de se fazer bela enquanto ser ancestral, mas também atual, pois se faz viva na poesia e no corpo da poeta, pois elas se apresentam lindas, rainhas, candaces carregadas de história que resistem e re-existem ao se ter contato com a sua poesia.

Continuaremos a apresentar esta nova representação da mulher negra através dos versos da autora com o poema “Seca”, um poema forte que utilizo os primeiros fragmentos:

Cansei-me de gerir mundo  
Não mais digerir insultos  
Velhos tempos de eterna saliva  
A gritar esperança  
A soluçar sujeira.  
Cansei-me de acalentar estranhos  
Não mais orfanato de crias alheias  
Opostos ao meu querer de cara Preta  
Negro sonho nem sempre desnudo  
Silenciado pela democracia do pseudo

Discurso das multiplurais sacanagens (SILVA, 2014, p. 82)

Através destes versos a autora rompe o silêncio e se coloca em combate ao lugar que é imposto para a mulher negra, e como um grito de liberdade ela segue verso a verso mostrando que está viva, e não aceitará mais ser representada desta forma, e que ela apresentará a sua auto-representação. Pois,

Em um movimento de reversão, elas escrevem para (des)silenciarem as suas vozes autorais e para, através da escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmos (SANTIAGO, 2012, p. 155).

A mulher negra que antes era apresentada como um corpo, de forma preconceituosa ganha voz e corpo para dizer o que lhe incomoda e o que deseja desta sociedade e de si mesma. Neste processo se empodera para dizer quais são, também, os seus desejos. Nina através da poesia, faz a sua voz ser ouvida e garante a sua condição de sujeito, e com isso, re-existe dentro da poesia erótica ao escrever “InCorPorus: nuances de libido”, em parceria com Akins Kintê. Deste livro destacamos uma poesia chamada “Matéria”, para a partir dela pensar esta mulher preta dona do seu corpo e de seus desejos sexuais:

Saltita preto  
Acompanhe no ritmo do desejo  
Me pega pelas coxas  
Me levanta  
Como uma alavanca me encaixo  
Com os pés fora do chão num perfeito voo  
Enlaço os braços sobre o seu grosso pescoço  
Ditamos o ritmo do coito  
Suor e sincronia  
Pretos corpos em magia.  
Não é cavalgar, é dança  
Quem disse  
Que dois corpos  
Não ocupam  
O mesmo lugar no espaço? (SILVA, 2011, p. 30).

Neste momento é a mulher negra que dita a regra e impõe o seu desejo e como será representada no ato sexual. É a mulher negra dona de si e de seus desejos a assustar este mundo racista, machista e sexista que precisa pensar as suas formas de representar estas mulheres. Agora é a mulher negra que faz uso do poder da escrita, pois

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2005, p. 54).

Quando a mulher negra se apodera da escrita, ela começa a se auto-representar, a se fazer ler/ouvir e então outras imagens desses corpos podem ser criadas. Numa estratégia de resistência a escritora negra faz da sua arte a beleza de re-existir, e temos este objetivo alcançado ao lermos um pouco da obra da poeta Nina Silva. O que nos faz pensar sobre a importância da mulher negra nos campos acadêmicos, não só com suas obras, como por ser e ter o seu corpo ocupando e representando esta outra visão de mundo frente ao universal.

#### **“Deus é negro”: Axé<sup>3</sup> e re-existência.**

“Deus é negro”, de Wesley Correia é um livro carregado de significantes e significados, onde mergulha nos elementos do Candomblé para trazer na beleza da poesia negra as vivências em torno da relação do ser consigo, e assim com a natureza, pois para o Candomblé são elementos que se completam e não se pode separar. O livro é dividido em três partes: Da partida, Da Chegada e Da Multiplicação, pensando a trajetória do negro em formato repleto de magia, beleza e vida com uma poesia de alta qualidade. A provocação já começa desde o título escolhido, onde o poeta demarca o seu lugar de fala, usando a arte para que esta palavra continue ganhando um significado ainda mais positivo, pois

Na luta semântica entre a palavra “negro” e aquelas associadas ao prefixo “afro”, a arte desempenha um papel fundamental. Se a arte brasileira, majoritariamente, faz ouvido de mercador para o racismo e suas consequências (tomando-o como brincadeira, fatos sem relevância para a vida das pessoas), tanto na música, quanto na literatura, nas artes cênicas e nas artes plásticas, isso não é unanimidade (CUTI, 2010, p. 49).

Assim sigo o caminho da poesia para criar novas representações para o significante e o significado da palavra negro. Escolho algumas poesias deste livro para entendermos o caminho cheio de Axé em direção a re-existência desta representação do

---

<sup>3</sup> Significa Força dentre os adeptos do Candomblé e outras religiões de matriz africana.



negro. Começo na primeira parte, Da chegada, com “A casa da força”, já que é a que abre o livro:

Eu moro onde nasce o vento  
que, num mesmo instante de fúria, arranca árvores,  
postes, telhados, pensamentos.  
Eu moro onde principia a fonte  
e a vejo, em festa, desaguar no mar.  
Vejo o mundo diante dela se curvar.  
Eu moro onde abrasam as paixões,  
onde incendeiam os corações,  
onde se queima de amor.  
Eu moro embaixo do fundo da terra,  
Eu faço brotar, crescer e frutificar o sonho,  
Eu dou o retorno ao profundo dos mundos (CORREIA, 2013, p. 17).

O poeta já começa com o título do poema “A casa da força”, que em tradução para o Yorubá seria Ilê Axé, nome este presente nos terreiros de Candomblé de nação Ketu<sup>4</sup>. Passeando pelos versos percebo como a natureza e ser humano se envolvem, pois são partes de um mesmo todo que se completa, pois temos uma relação diferente com a terra, com a natureza e com o simbólico, já que

Sim, nós (os pretos) somos atrasados, simplórios, livres nas nossas manifestações. É que, para nós, o corpo não se opõe àquilo que vocês chamam de espírito. Nós estamos no mundo. E viva o casal Homem-Terra? Aliás, nossos homens de letras nos ajudam a vos convencer. Vossa civilização negligencia as riquezas finas, a sensibilidade (FANON, 2008, p. 116).

A partir de “A casa da força” e da fala de Frantz Fanon podemos perceber já uma contribuição para uma nova concepção (que na verdade é muito antiga) para o saber hegemônico eurocêntrico. De forma artística, usando de um campo do conhecimento que dança e não se pode fazer enrijecer dentro de um quadrado de conceito fechado, a poesia negra traz a existência do ser negro que não se enxerga em meio ao existir universal, branco, eurocêntrico. É o que podemos perceber em “África atemporal”:

---

<sup>4</sup> Oriundos do antigo reino de Ketu região agora ocupada pela República Popular do Benin e pela Nigéria.

[...] Antes, eram as estrelas  
indicando a direção.  
O sol, a lua, o vento  
Guiando a navegação.  
Este tempo de agora  
tão raquítico e sistemático  
não tem a mesma razão  
daqueles tempos sem razão (CORREIA, 2013, p. 20).

Neste fragmento da poesia citada, o poeta apresenta outra relação com o tempo que se faz entender como o tempo da natureza, em contrapartida ao tempo científico preso no relógio. Percebemos como o relógio não consegue aprisionar este tempo que se encontra livre e que está além da razão. Para entendermos melhor, basta chegar em uma ilha, e perguntar ao pescador se vai chover, a precisão da sua relação com a natureza pode ser surpreendente, pois o mesmo precisa perceber as mudanças climáticas para desenvolver o ofício da pesca.

Para continuar a análise da poesia negra e o caminhar para desconstruir estereótipos impostos, usaremos fragmento de mais dois poemas da primeira parte: “Exu não é o diabo não” e “O Velho<sup>5</sup>”, respectivamente:

Se não há bem que mereça  
ou mal que lhe pareça,  
ora preste atenção:  
Exu não é o diabo, não! (CORREIA, 2013, p. 24).

Seus olhos brilham  
a ponto de nos cegar.  
Em sua espada,  
estão os segredos  
da morte e da vida.

Se vir o Velho, observe com que força suas palhas acorrentam,

---

<sup>5</sup> Grafado com letra maiúscula devido a ser a denominação usada em referência ao Orixá Omolu.

e não deixe de lembrar:  
siga caminho, mas antes, tome a benção (CORREIA, 2013, p. 27).

Na primeira poesia, o autor vai de encontro a representação de Exu como diabo, sendo que no Candomblé não existe diabo, logo é uma imposição de uma cultura cristã. E mesmo sendo a associação com o uso do tridente feito por uma qualidade de Exu, fica a pergunta: Poseidon usa tridente e porque não ser associado ao diabo? A ideia mais uma vez de desqualificar a cultura negra. Já na segunda, o poeta apresenta uma relação com o Orixá Omolu (o Velho), para mostrar o respeito e a reverência aos mais velhos que existem na religião de matriz africana. Mostrando, então concepções de mundo diferentes e distantes do que seria único, e ampliando as possibilidades de caminhos, para além do mundo binário.

No nosso intuito de fazer a relação entre esta obra, e a importância do negro na Academia, e os enfrentamentos que se fazem presentes neste espaço, juntamente com a importância de adentrar este espaço para que as culturas negras saiam do silenciamento que lhe foi imposto. Neste processo podemos encarar de frente o problema do racismo em nossa sociedade. Na segunda parte do livro, Da chegada, usaremos a poesia “O corte na própria carne”, para entender o enfrentamento com o saber universal que aí está imposto:

“[...]E ninguém duvide de que há racismo,  
em nós, entre nós,  
como há em todo lugar,  
no shopping, no hotel, no bar  
no centro, na periferia,  
no norte, no sul,  
no congresso, na Assembleia, no Planalto,  
na Academia. [...]

Então, pode haver perspectiva sem que haja ruptura com a história?  
Sem que haja o enfrentamento? A (re)inscrição dos discursos pedagógicos?  
Haverá, diante da nossa inércia e apatia, alguma forma de resistir  
que represente, ao mesmo tempo, novos modos de existir?  
Sangrar-se é, por vezes uma via de coragem (CORREIA, 2013, p. 33-4).

Mais uma vez podemos perceber o lugar de fala do poeta, com a sua poesia negra direcionada para um problema que a sociedade brasileira insiste em não combater de frente, e que não é um problema do negro, já que

“O racismo tem história e complexidade humana. Se não for considerado sob este prisma, torna-se guirlanda, enfeitezinho só para dizer que o assunto não foi esquecido ou então surgem como gemidos críticos” (CUTI, 2010, p. 52).

O poema mostra que o racismo está em toda parte, mesmo que não se discuta com a seriedade que o problema precisa. Wesley faz uso de uma escrita de resistência em direção a necessidade de um novo modo de existir, ou re-existir. Esta forma de escrita tem o intuito de colocar problemas em evidência, já que

A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida (BOSI, 2002, p. 130).

Partimos então para a terceira parte do livro, “Da multiplicação”, que vai colocar em evidência a chegada do negro na academia e a sua importância. Esta entrada é cheia de significados, já que o negro entra em um espaço, onde o conhecimento se apresenta eurocêntrico, e este sujeito precisa compreender este saber hegemônico e relacioná-lo com as suas vivências e com as culturas negras, talvez por isso, esta parte do livro tenha esta denominação. A poesia será “Negrada”:

Este cheiro de preto,  
inebriante nas academias,  
nas letras,  
nas ciências,  
é a profecia do gueto  
que se cumpre  
Esta vasta gente preta,  
habitante nos segredos de tantas histórias,  
não faz a revolução  
é a própria revolução (CORREIA, 2013, p. 43).

Através deste fragmento do poema podemos pensar o que representa esta entrada do negro na academia, e a ocupação de espaços que antes se tinha em muito menor

número. O negro através de um acesso à educação faz com que a sua oralidade ganhe mais força ainda ao passar para a escrita, e fazendo a revolução no campo do conhecimento através do processo de se transformar em sujeito e poder contar a sua própria história, contribuindo para a quebra de estereótipos com o empoderamento da escrita, se fazendo ler e apresentando a sua linguagem, pois

Neste processo de (des)silenciamento é usado, como já foi abordado, uma linguagem própria cheia de significados e ressignificações, onde a cultura negra se torna valorizada. Essa linguagem própria, com seus ritmos e entonações, existem como forma de manter vivo o lugar da fala, e com isso uma grande vitória frente ao simbolismo de se fazer existir a partir de um contraponto ao saber hegemônico que, até então, se achava único (MANOEL, 2014, p. 28).

### **Algumas questões**

Percebemos na poesia de Wesley Correia e Nina Silva a tentativa de romper com o silêncio que o sujeito negro foi aprisionado. E assim, romper com a outra escravidão, que é a de negar voz ao negro, e com as representações de forma preconceituosa, racista. Ao apresentar as poesias podemos ver que sempre aparecem novos nomes e significados desconhecidos pelo saber eurocêntrico. São as expressões de um mundo que não se pode ser representado como universal, único, quando na realidade se apresenta plural. A entrada do negro e da negra na academia é carregado de trocas no campo do conhecimento, pois o negro entra com os seus conhecimentos e vai dialogar com o conhecimento acadêmico aprendendo a utilizar as relações com este saber e as demais culturas existentes. Os dois poetas usam de conhecimentos e vivências ancestrais como inspiração e temas para as suas escritas, buscam nas suas vivências os seus significados e partem da resistência para a re-existência, pois criam uma nova forma de representação do negro e da negra.

Partimos destes dois poetas para demonstrar a importância da Literatura negra para a construção destas novas formas de representação do negro, e pensar a sua contribuição para que este se enxergue e sinta participante nas obras literárias, de forma positiva. Com isso, fazemos um paralelo com a entrada da Literatura Negra nos espaços educacionais, seja na educação básica como na academia, para que se conheçam outras formas de representar a nossa sociedade e de pensar o ato de viver. Este ato de se reconhecer na Literatura pode contribuir para a entrada de mais negros em contato com a leitura, e também, para aumentar a quantidade de negros e negras no espaço acadêmico. Sabemos que é um movimento plural, pois para que as diversas formas de

culturas negras sejam estudadas pelo saber acadêmico se faz necessário ter o corpo negro de forma literal ocupando o espaço da academia apresentando outras possibilidades de se representar a história, a literatura, a arte em si, pois quando o negro é o sujeito, a representação já parte do seu olhar e, só assim, lhe será garantido o lugar de fala.

### **Referências Bibliográficas**

BERND, Zilá. **Identidade: origem, emprego e armadilhas do conceito.** In: BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. 3ª ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2011.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência.** In: BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

CUTI, Luiz Silva. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lana. FONSECA; Maria Margareth Soares. **Poéticas afro-brasileiras.** Belo Horizonte: Editora Puc Minas / Mazza Edições, 2002.

\_\_\_\_\_. **Quem tem medo da palavra negro.** Revista Matriz: uma revista de arte negra. Grupo de Teatro Caixa Preta. Ano 1, n. 1, p. 42-54, novembro de 2010.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira.** Revista Palmares: cultura afro-brasileira, p. 52-57, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador. EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Euridice [et ali]. "Negritude, Negrismo e Literaturas de Afro-descendente". In: FIGUEIREDO, Euridice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora/Niterói: Ed. UFJF/EdUFF, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MANOEL, Humberto. "Sou negro" e a Literatura Negra: Literatura ou Militância?. In: Ana Rita Santiago; Cláudio Manoel Duarte de Souza; Giovana Carmo Temple; Ronaldo Crispim Sena Barreto. (Org.). *Entre o pensamento de Lélia Gonzalez e a palavra poética*. 1ª ed. Cruz das Almas: UFRB, 2014, v. 1, p. 52-69.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras.** Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012.

SILVA, Nina. **Elas em mim.** Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/2498582>. Acesso em 15 de abril de 2015.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.